



Devido ao recesso da colunista, estamos reeditando o observatório geral publicado na edição nº 733 de março de 2011.

ENTRO NO ELEVADOR E UM FUNCIONÁRIO ME CUMPRIMENTA: "BOA TARDE, DOUTORA!"



DIANTE DO TÍTULO INADEQUADO, ACHEI QUE ERA PRECISO UMA CORREÇÃO. ASSIM, DEPOIS DE PENSAR POR ALGUNS SEGUNDOS, OLHEI PARA O MOÇO E RESPONDI:



"BOA TARDE, MAS EU NÃO SOU MÉDICA E NÃO SOU PHD. GUARDE O DOUTOR PARA QUEM DE FATO MERECE O TÍTULO".



O FATO É QUE A PALAVRA DOUTOR ESTÁ BANALIZADA E VULGARIZADA A PONTO DE SE ENCAIXAR EM QUALQUER PESSOA QUE ESTEJA EXERCENDO UM TIPO DE AUTORIDADE, MESMO QUE CIRCUNSTANCIAL E DE POUCO VALOR.



**BOA TARDE, DOUTORA!** Entro no elevador e um funcionário me cumprimenta: "Boa tarde, doutora!" Diante do título inadequado, achei que era preciso uma correção. Assim, depois de pensar por alguns segundos, olhei para o moço e respondi: "Boa tarde, mas eu não sou médica e não sou PhD. Guarde o doutor para quem de fato merece o título". O rapaz sorriu, desconcertado. Acontece que ele está acostumado a chamar de doutor todos os seus superiores hierárquicos, especialmente quando a criatura é um diretor. Fiquei pensando sobre o assunto e imaginei que esse tipo de deferência nada mais é do que uma inversão de valores. Chamar os outros de doutor é uma expressão que se propagou nas relações brasileiras nos últimos anos e retrata uma serventia caricata associada a uma ironia ou, quem sabe, um certo desprezo pelos títulos, as comendas, as mesuras e reverências. O fato é que, hoje em dia, a palavra doutor está banalizada e vulgarizada a ponto de se encaixar em qualquer pessoa que esteja exercendo um tipo de autoridade, mesmo que circunstancial e de pouco valor.

**BANALIZAÇÃO** Junto com a banalização, veio também a pasteurização. O carnaval, por exemplo. Vocês podem me dizer qual a diferença entre as escolas de samba cariocas? Fora os nomes e as cores, elas fazem o mesmo desfile todos os anos. Até as fantasias são repetições, assim como os sambas-enredo. Para mim, a única coisa que ainda emociona nos desfiles é a mais ancestral das atividades carnavalescas, a bateria. Os sons dos tambores, estes sim, continuam nos tirando do eixo e nos colocando em transe. O resto é paetê, plumas, lamê e as mesmas e repetitivas evoluções das mulatas em suas gigantescas plataformas.

**REPETIÇÃO** Aliás, repetição é um mal da indústria cultural que se reproduz através do *broadcasting* e das agências de notícias. Todos dizem as mesmas coisas. Só muda o *casting* de apresentadores. Mesmo assim, eles copiam uns aos outros, nos gestos, nas entonações e no estilo. Basta apertar o botão e a telinha oferece um telejornal, uma telenovela, uma teleconferência, uma tele-entrevista, um teletempo, um telefutebol. É tudo igual! Só muda o número do canal e a qualidade da produção.

**PASTEURIZAÇÃO** Afinal, de onde vem esta padronização, associada a uma certa pasteurização, e que acabou chegando à banalização da vida? Qual a raiz deste vírus que equalizou o mundo em tão baixos níveis de qualidade e de valores? Muitos estudiosos têm se debruçado sobre o assunto e levantado algumas teses. A filósofa Olgária Matos, em artigo publicado na revista *Cult*, nos lembra que

"na sociedade em que tudo se pauta pela exibição midiática, desaparece o pudor, atestando-se o enfraquecimento do sentimento de vergonha ligado à moral".

**VALOR X DINHEIRO** Segundo Olgária, o dinheiro, como valor hegemônico da sociedade contemporânea, "supostamente promove a ascensão social, baseada exclusivamente em critérios econômicos e no prestígio do dinheiro". Ela nos lembra que Norberto Elias, em seu livro "O Processo Civilizatório", analisa os primórdios da evolução burguesa na França, apontando a democratização dos costumes da corte. É interessante observar que, neste momento, a burguesia se esforçava para aristocratizar-se, adotando a etiqueta e as boas maneiras da nobreza. Segundo Norberto Elias, como faltava à burguesia o universo de tradições de méritos da nobreza, ela esforçou-se para ascender aos bens culturais.

**NOVO-RICO** Foi através do conhecimento e do domínio da técnica, associada às regras da etiqueta e das boas maneiras da nobreza, que nasceu a sociedade burguesa moderna. Contudo, com a institucionalização da sociedade de consumo, os bens culturais foram sendo abandonados. Para Olgária Matos, a ideologia do burguês contemporâneo, o chamado "novo-rico", precinde até mesmo do "veniz cultural".

**SEM PUDOR** Olgária nos lembra que "(...) o novo-rico é aquele que conhece o preço de todas as coisas, mas desconhece o seu valor... sob seus auspícios, a educação produz uma cultura que atrofia a sensibilidade e o pensamento e a educação é entendida como serviço e como mercadoria". Na visão da filósofa, esta política institucionalizou a falência da escolaridade e da ética e supervalorizou a exibição midiática, fazendo desaparecer o pudor e enfraquecendo o sentimento de vergonha ligado à moral social.

**INDÚSTRIA CULTURAL** Neste mundo contemporâneo, onde a palavra valor perdeu o sentido, da mesma maneira, os ideais iluministas de liberdade e igualdade também perderam o significado. Com eles, sucumbiu também a noção de conhecimento, arte e cultura que acabaram simplificados e pasteurizados sob a forma de indústria cultural. Para o professor de filosofia Rafael Cordeiro Silva, o conceito de indústria cultural desenvolvido pelos pensadores Theodor Adorno e Max Horkheimer refere-se principalmente aos meios técnicos de produção e difusão de cultura, levando à padronização e à produção em série, sacrificando o espírito crítico e com ele as noções de valor.

Fontes: Olgária Matos, "A Democracia Moderna e a Estética da Moeda"; Rafael Cordeiro Silva, "Indústria Cultural e Manutenção do Poder", in: revista *Cult* nº 154.